

# ○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

## Editorial

Mais uma vez se comemorou em Fão, como aliás em todo o País, o Dia dos Fiéis Defuntos. Desde sempre, desde os tempos pré-históricos, o homem soube honrar os seus mortos. Reside talvez aqui, no culto pelos falecidos consubstanciado em cerimónias e sobretudo em monumentos, por mais primitivos e toscos que estes se apresentem, os primeiros sinais referenciadores da evolução do ser animal a caminho da racionalidade.

Ao reverenciar-se os mortos, possivelmente criando-lhe um certo culto, visitando as suas campas espalhando velas em seu redor, invocando-os, estamos a perpetuar a sua memória, não os deixando morrer totalmente.

A Igreja celebra em 1 de novembro o Dia de Todos os Santos, ficando o dia 2 reservado aos Finados. Por exigências de trabalho e porque o dia 1 de Novembro é ofi-

### dia dos mortos

cialmente considerado feriado, tem havido uma transferência de atitudes, isto é, o arranjo de campas, as cerimónias litúrgicas e as romagens ao cemitério têm-se processado no dia 1, ficando o dia 2, verdadeiro dia dos mortos, confinado à situação de eco, de rescaldo de um dia intensamente vivido que foi o de véspera.

Na nossa terra os mortos sempre foram tratados com o maior respeito e consideração. Basta lembrar que na maior época de esplendor em Fão, fim do século, devido aos dinheiros do Brasil e dos navegantes, foi no cemitério, nomeadamente na construção de artísticos mausoléus, que os habitantes locais melhor expressaram essa fase de opulência, tornando-se por isso o cemitério de Fão o mais rico e sumptuoso do concelho.

Pode até dizer-se que o cemitério da terra é hoje em dia o único «documento» comprovativo de que Fão em tempos idos foi já à freguesia mais próspera do julgado de Esposende.

Pois o primeiro de Novembro foi este ano, como aliás tem sido sempre, assinalado por larga comparência de fangueiros, e não só, que lastraram o campo santo de flores. Por decisão do Senhor Prior, P.e Vilar, a procissão ao cemitério que ultimamente estava a realizar e no dia 1 de Novembro, pas-

(Continua na página 2)

## O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

### ABEL VINHA DOS SANTOS

*Se eu tenho de sofrer a vida inteira,  
Se eu tenho de viver nesta agonia,  
Seja este meu Deus, o último dia!  
E a hora em que isto escrever, a derradeira.*

*Sem crenças que me guiem na ladeira  
Por onde sigo há já tanto, sem guia,  
Prefiro resvalar na coba fria,  
A ter ter de padecer desta maneira!*

*Acabe tudo e eu partirei cantando!  
Alma pura de amor fria rezando  
Teu rosário de pranto e saudade!*

*Não batas mais, meu coração, descansa:  
A Virgem do Silêncio — a Morte  
— avança...  
Lá vem a redentora liberdade.*

Este soneto intitulado «Mors Liberatrix» é da autoria do nosso conterrâneo, já falecido, Abel Vinha dos Santos. A estrutura formal do mesmo, a marcha progressivo-dialéctica do discurso com a chave final do

último terceto a balizar toda a decorrência do poema fazem-nos lembrar Camões. Por outro lado, a angústia do tema, a perda da fé e o desencanto do viver a postularem o aparecimento da Virgem do Silêncio, a Morte, levam-nos ao encontro de Antero de Quental.



Vinha dos Santos — foi com este nome que publicou as suas obras embora mais tarde usasse o pseudónimo de Sérgio de

(Continua na página 2)

## ENCONTRO ANUAL DOS ALUNOS DOS SEMINÁRIOS DE BRAGA

Pelo aluno Aires J. de Carvalho

Mais uma vez e desta na simpática Vila de Fão, se juntaram quase metade dos alunos que frequentaram os Seminários Arquidiocesanos de Braga (1943/55).

Foi organizador o antigo aluno Armando Saraiva.

Assim, em 11 de Outubro de 1986, após a concentração que teve lugar no largo fronteiro à Igreja Matriz de Fão, os participantes se encaminharam para o cemitério de Esposende a fim de ser prestada homenagem ao aluno falecido Major Viana, cerimónia de alto significado e a que assistiram também familiares. Evocaram a sua memória os condiscípulos Armando Saraiva e Baptista de Sousa.

Pelas 12 horas teve lugar a Santa Missa na Igreja Matriz da Vila de Fão, celebrada pelo antigo seminarista que actualmente pastoreia Esposende e foi acolitada pelo Jaime Carlos de Oliveira, sendo de salientar

que a Sagrada Eucaristia é sempre dedicada aos Professores e Alunos já falecidos e aos seus familiares.

Estiveram presentes 58 alunos, sendo de destacar a presença pela 1.ª vez do Nuno Lima de Carvalho que era acompanhado pela Exma. esposa.

À medida que os anos vão avançando nota-se maior afluência de participantes, o que é digno de registo.

Ora, sendo de consignar que há já um número significativo de desaparecidos, pode afirmar-se, sem embargo, que as presenças foram altas, considerando que eram 120 no 1.º ano na tamanca (Seminário Menor).

O almoço foi servido no hotel do Pinhal (Ofir).

Notou-se a ausência de alguns que teimam em não vir... e de outros que trocaram a reunião por outros afazeres pessoais ou familiares.



## ABEL VINHA DOS SANTOS

(Continuado da página 1)

Morais — nasceu em Fão a 8 de Fevereiro de 1912 e a sua infância desenvolveu-se no ambiente do convencionalismo pequeno-burguês das primeiras décadas do século XX. De compleição frágil, sofrendo de frequentes cólicas hepáticas, só saía à rua acompanhado da avó, das títias ou da mamã para ir à missa ou visitar algumas famílias conhecidas. O mundo da bola, da brincadeira com outras crianças à mistura com algumas esmurradelas estava-lhe vedado o que aceleraram nele uma certa tendência para a solidão, para a leitura de revistas ilustradas e para o desenho, isolado que se encontrava pelos muros altos do seu quintal.

## EDITORIAL

(Continuado da página 1)

*sou este ano para o dia seguinte por coincidir ser domingo. Assim, houve este ano dois dias dedicados aos nossos mortos, o que trouxe uma larga afluência de público. Cremos até a comemoração dos Fiéis Defuntos traz actualmente mais gente à terra fangueira, gente da terra, já se vê, que a própria festa do Senhor Bom Jesus.*

*O cemitério apresentava-se cuidado, com grande predominância de campas de mármore.*

*P. S. — Muitas famílias de Fão começam a adoptar o costume já posto em prática nas cidades, de velarem os seus mortos numa das igrejas locais.*

*Começa, pois, a ser tempo de se pensar criar em Fão uma casa mortuária anexa a uma das nossas igrejas.*

Fez os estudos primários na sua terra e matriculou-se em seguida no Liceu da Póvoa de Varzim, sendo transferido dentro de pouco tempo para o Liceu de Chaves onde terminou o 1.º Ciclo. Datam dessa altura as suas primícias literárias. Entre outros poemas compôs (1926) um soneto sátira chamado «Revolução» e fez uma paródia ao Canto I dos Lusíadas que lhe custaram ma suspensão do Liceu por oito dias.

Feito o 3.º ano, desloca-se para o Porto e arranja emprego numa casa bancária por pouco tempo embora. Rapaz bondoso, culto, de maneiras cativantes, carácter íntegro e possuindo sobretudo uma alma de artista, não se submetia facilmente à inexorabilidade dos números e dos cifrões. A sua missão tinha que ser outra. Abandona então o emprego e volta a estudar, matriculando-se no Instituto Normal Primário onde se diploma como professor do ensino primário.

Entretanto começa a delinear-se o seu perfil literário pois em vários jornais, nomeadamente O Cávado, O Esposendense, Ecos da Beira-Mar, Ecos de Sintra, Ecos do Sul, Aurora do Lima, Jornal de Monção, O Portimonense, O Diabo, Sol Nascente, Horizonte, Pensamento, Esfera (Rio de Janeiro) e na revista Aquila, foram surgindo quadras, sonetos, odes, contos e novelas da sua autoria.

Foi redactor do jornal Ecos da Beira-Mar (Fão) ao lado de Carlos Barra Reis, sendo director, primeiro o P. e Avelino Borda (21-4-1928) e logo a seguir o Prior de Fão, P. e António Alves Nogueira.

Publicou os seguintes livros: Cantares (quadras) 1913; o Lobishomem (contos) 1937 e Riso Morto (sonetos) 1938. Concluiu, mas não chegou a editar, o romance

piscatório «Mar Alto» e o livro de versos «Pântano». Iniciou ainda nas páginas de «O Cávado» uma novela policial que não chegou a terminar.

Acabado o curso de professor, foi colocado de início em Portimão. Daí os seus versos no Portimonense. Mais tarde pediu a transferência para Monção onde a morte o veio surpreender aos 28 anos de idade quando tomava banho no rio Minho (28-7-1940).

Os seus versos, nomeadamente os sonetos, reflectem o itinerário ideológico do autor. Nos primeiros anos, à parte as brincalhotices e amorosidades dos tempos do liceu, verificam-se reminiscências religiosas a reflectir o ambiente familiar em que decorreram os seus primeiros anos. Com evocações à Virgem, à Senhora da Bonança e ao Natal a sua mente não se atola ainda no agnosticismo angustiante que o vai martirizar numa fase seguinte e que o soneto inicial tão bem traduz. «Vinha dos Santos era um insatisfeito. Nele a quem aparentemente nada faltava, tudo faltava afinal. Procurava ansiosamente, ardentemente a realização do seu ideal».

Numa fase última, ultrapassado o niहितismo filosófico dos primeiros anos, almeja recuperar confiança na humanidade. «Mais senhor da técnica, integrando-se nas modernas correntes literárias, mais conhecedor da vida, surge com uma poesia mais sublime por ser mais humana.

Apesar, porém, da ossatura, encadeamento e relativa profundidade de alguns sonetos, descritivos uns, conceituosos outros, é no género *quadra* que os seus versos atingem quanto a nós a harmonia, musicalidade e encanto. Não há procura forçada de palavras, o juízo ocorre-lhe espontaneamente e a graça e a leveza das suas estrofes proporcionam fácil enlevo aos seus leitores.

*É tal o prazer, o gosto,  
De te ver, de te encontrar,  
Que às vezes tenho desgosto  
De tanto de ti gostar.*

Fão tem em Vinhas dos Santos a sua figura literária mais representativa de todos os tempos. Ele é por isso um motivo de orgulho para todos os fangueiros. Nasceu para não morrer mais. Sugerimos à Junta de Freguesia que promova com a colaboração da Câmara uma edição definitiva de todas as suas obras, inclusivé daquelas que tendo ficado terminadas não chegaram a ver a luz do dia.

Obras consultadas:  
As colecções de «O Cávado», «Esposendense» e «Ecos da Beira-Mar».  
Análise e interpretação da obra literária de Wolfgang Kaiser.  
A criação literária de Moisés Maussaud.

O descanso desejado...

**HOTEL DO PINHAL** ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857  
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.



**UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES**

estamos a construir um banco do futuro



# UMA CHÁVENA DE CAFÉ

por **MÁRIA ARLETTE S. F.**

Há uns anos deixei minha terra, meus amigos e as coisas que considero das mais bonitas nesta nossa curta vida.

Ao abandonar «esse mundo», optei por um outro não menos belo, mas para o qual eu teria que considerar a perda de muita coisa. Para colmatar essas possíveis saudades, tentei amar o novo local e a gente de hábitos diferentes dos meus.

Assim pensei e assim fiz. Mas, para meu espanto, constatei que a adaptação aparentemente total, não fora concretizada: sempre que chegava a casa e abria a caixa do correio, ficava frustrada. «As pessoas já não gostam de escrever? De parar um pouco e reflectir? Ou a lonjura do espaço dilui a memória?» E comentei com os «meus» esta desolação. Responderam-me: «Não sejas tonta» «Há sempre correspondência para ti, to-

dos te escrevem» «Nós, é que não recebemos nada!» Havia até uma pontinha de censura... ou de ciúme? Encolhi os ombros e disse para os meus botões: «estás a ser egoísta.»

Os dias passaram e hoje, um daqueles dias alegres, que amamos: com sol, com boa disposição ao acordar, em que nos olhamos ao espelho e até nos consideramos pessoas interessantes, ao chegar da rua, fui toda prazenteira abrir a «caixinha do correio» e sorri,

havia mais que um sobrescrito. Respirei fundo, senti-me lembrada, solicitada e disposta a recrear-me. Fiz um café, instalei-me num cadeirão, pousei a correspondência no regaço, gozando de antemão das lembranças escritas para mim: «Baixas de preços no Supermercado..., Novo Infantário no Bairro..., Escola de Música...,», a Lavandaria ao seu serviço» «Aprenda Inglês por Correspondência no...», «Pensamos em si, a Sua Panela de Pressão, compre agora e pague depois...», deixara de sorrir, só publicidade! Mais dois sobrescritos de Bancos, enviando os extractos de conta, com uns míseros escudos a meu favor, uma carta-circular da editora... anunciando uma nova publicação, uma das Finanças locais, enviando o recibo comprovativo do pagamento do imposto... e dois avisos de pagamento do telefone e da água. De facto, devo ser egoísta, correspondência não me falta e a minha caixa do correio é uma autêntica «caixinha de surpresas».

## Conversando...

CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

### Era uma mulher banal

*Era uma mulher de aspecto banal.*

*Quem olhasse para ela, não poderia adivinhar a essência da sua alma!*

*E, no entanto, quem a conhecesse bem descobriria, através dos seus lábios, o sorriso necessário para alegrar uma tristeza; nas suas mãos, o gesto humilde, de quem dá, sem magoar; e, no seu coração, uma fonte inesgotável de caridade e abnegação.*

*A vida nem sempre lhe sorria, mas ela esquecia as suas preocupações e canseiras e, sempre que podia, abria a sua alma às coisas belas e grandiosas da vida, e, recebia através dos pequenos pormenores, que a Natureza lhe oferecia, a força necessária com que se alimentava, para depois amparar os outros.*

*Às vezes mostrava-se alegre, comunicativa para poder esconder aos olhares alheios as lágrimas que os seus olhos não podiam ou não deviam deixar correr...*

*Mas quantas vezes deslizavam às ocultas pelo seu rosto...*

*Apenas quando estava só, deixava transparecer no seu olhar, uns laivos de tristeza por tudo que o destino lhe negava. Mas, apesar de tudo, amava a vida. Por isso se comovia, com o desabrochar duma flor, com o sorriso duma criança descalça a vender raminhos de violetas ou com o som dum violino tocado por um cego!...*

*Entrava nesses momentos no mundo de cada um e vibrava de tal maneira como se a sua alma se repartisse e desdobrasse, sentindo cada dor, cada alegria.*

*E, no entanto, quem olhasse para ela, veria apenas uma mulher banal.*

*Mas não era.*

*Vivendo num ambiente onde tudo lhe era adverso, sabia encontrar beleza nas mais pequenas coisas.*

*A música era a sua paixão, lado a lado com as flores. Nada a encantava tanto como recebê-las ou comprá-las; nunca se saciava do ambiente perfumado que as envolvia.*

*Entre uma montra de requintado bom gosto na arte de bem vestir, e outra, onde através do vidro, espreguiçavam, garridos, os os mais variados ramos, não tinha a mínima hesitação; ficava pregada ante a segunda, como que a reter nos seus olhos sonhadores todo o colorido desse jardim encantador.*

*Quando chegava a primavera, como ela gostava de admirar, logo de manhã, os pequeninos botões desses jardins dispersos e que a cidade lhe oferecia, ainda orvalhados pela humidade nocturna! Cada forma, cada perfume, cada cor, era um hino de louvor, que ela cantava a Deus, criador de tantas maravilhas.*

*Quedava-se muitas vezes, sozinha, atenta, a admirar coisas que passavam despercebidas aos olhares dos indiferentes da maioria das pessoas.*

*No entanto, quem olhasse para ela veria apenas uma mulher banal...*

*Foi só depois da sua morte, que vim a conhecer a essência da sua alma.*

*Sim. Foi só depois de terem fechado os seus olhos para sempre, de se ter apagado o seu sorriso, e de se ter calado a sua voz, que me veio parar às mãos o seu diário.*

*Um diário, onde ela fora escrevendo todas as suas mágoas, os seus anseios e os seus desenganos.*

*Um diário precioso, que ficou impregnado de um pouco de si própria. No entanto, quem olhasse para ela teria visto apenas uma mulher banal...*

## AUMENTE O SEU

# Colesterol!

Cá estamos uma vez mais, com a benemérita intenção de fazer subir o vosso colesterol. Para isso, não há nada como uns pratos bem gostosos. Hoje vamos deixar-vos com este peisco que é o

### BACALHAU À LAGAREIRO

Escolhem-se umas boas postas de bacalhau já demoliado, e deitam-se em leite, onde ficam a demolhar durante 2 horas.

Depois, escorre-se muito bem o leite e temperam-se as postas com: colorau, alhos, loureiro e pimenta.

Cobre-se o fundo de uma assadeira com rodela fina de cebola e coloca-se-lhe em cima as postas de bacalhau, cobrindo-as com outra camada de rodela de cebola.

Rega-se bem com azeite ou óleo e vai ao forno até assar.

E para sobremesa, temos o

### BOLO PODRE

Ovos — 6.

Açúcar — 2 chávenas almoçadeiras.

Farinha — 2 chávenas almoçadeiras.

Laranja — a raspa e o sumo de uma laranja grande.

Bate-se o açúcar com as gemas; depois de bem batido, junta-se o sumo e a raspa da laranja, mexendo sempre, depois as claras em castelo e por fim a farinha (com fermento).

Mexe-se tudo muito bem e vai ao forno, em forma untada com manteiga e farinha.

Esperemos que o colesterol se deixe tentar, e dê a subidazinha desejada...

Um abraço da

TIA MARIQUINHAS.



# António Torres visita o Brasil

## GRANDE JORNADA DE FANGUEIRISMO

O nosso conterrâneo, caro grande amigo (muito mesmo) deste jornal, António Torres, foi passar uns dias de merecidas férias ao Brasil em companhia de sua esposa Ivone. Porque essa estadia em terras de Santa Cruz (e não só) constituiu também uma jornada de fangueirismo, nós solicitámos a este prezado conterrâneo que nos enviasse uma espécie de relato, sobretudo daqueles mo-

randa (Manelinho) também está muito bem e vive feliz com sua esposa, a Laida Martinho; possui uma pequena empresa de construção civil. O Abel está bem e feliz e vive dum reforma merecida, pois trabalhou muitíssimo. O Amâncio vive muito saudoso de Fão e está pensando ir aí, como aliás é o caso do Né Morais. Não pude ver o nosso grande Sobral, por falta de tempo, de direc-

ção é que eu fui para ver o Brasil e o tempo foi sempre fugindo e o abraço para ele talvez lhe seja enviado pelo nosso jornal. (O nosso abraço também, caro e sempre lembrado Artur Sobral!). Não tive tempo de contactar o Cândido Gonçalves e a Maria Gracinda. O António, irmão, está casado e bem, longe do Rio.»

Remata assim o António Torres a sua missiva:

«Vejamos então com quem tive o prazer de contactar e comunicar a chama fangueira:

1) O Amândio Caramalho que já está decidido a ir ver o torrãozinho natal.

2) O Né Morais (visita prevista também).

3) O Manelinho (ã espera do N.F.).

4) A Helena Martinha e seu marido Jaime que têm uma loja estilo Maria Solinha.

5) A Miloca, filha da Beatriz do Pio, bonita (ô Ivone, cuidado!...) e muito simpática.

6) A D. Amélia de Sousa tem bela casa e recebeu há pouco a visita do seu filho, Manuelzinho Penetra.

7) As filhas da Amélia Guida e a outra (?) de quem não fixei o nome.

O António Pintor, um fangueiro há muitos anos no Brasil.

9) A Rosinha Lapa Pinta (sempre simpática) e seu marido, penso que não resistirão muito tempo às solicitações dos Pais e saudades de Fão. Falamos de muitas coisas, dum tal dr. Armando Saraiva, dr. Rui Agonia, Aleixo Ferreira e Consul António Sá Pereira.

10) A visita de Jurema Afonso Graça e seu marido (claro) que é brasileiro e se chama Omar. Visita amiga é evidente (pois no passado (lembras-te?) namorisei com ela em Fão), e podemos considerá-la, à Jurema, que já tem 2 filhos grandes (como o tempo

(Continua na página 6)



*Bodas de ouro do fangueiro Manuel Ribeiro de Sousa em 23 de Agosto de 86. Foi uma reunião magnífica com mais de 150 pessoas de família, amigos, e fangueiros. Podem ver-se: Margarida Salgado, José Martins (irmão de Lúcia), Maria Cardoso Martins, Manuel Ribeiro de Sousa (falecido 15 dias depois), Ana Cardoso Salgado, Carlos Cardoso Salgado e Idalina Cardoso Torres Salgado, todos fangueiros.*

mentos que envolveram visitas a fangueiros. António Torres imediatamente acedeu à nossa solicitação enviando-nos fotos e uma carta de que escolhemos alguns excertos.

Começa assim:

«O Brasil: maravilha, o Rio, Copacabana, as brasileiras... é de fechar o comércio, Senhor» (Ô Ivone, isto admite-se?).

E mais adiante:

«Os meus meios de transporte foram especialmente o avião (10 vezes o utilizamos), uma vez o helicóptero e diversas vezes o automóvel, num total de 31 000 kms, o que explica que em 25 dias se cumprisse um programa sobrecarregado no Rio com visita aos pontos principais, visita aos fangueiros, e o resto do tempo sempre a correr para o aeroporto do Galeão, para aí, para aqui e para ali. O Né Morais insistiu e ultrapassou tudo e todos para ter o prazer (de borla) de buscar e levar seu António e Ivone e esperar as nossas chegadas às vezes com atrasos de 2 horas. Esse Né Morais, novo assinante do N.F., é um cara que para além da óptima situação de que disfruta (tem três táxis, bela casa e carros de colecção) é duma gentileza e simpatia que já se não encontram muito nos tempos que vão correndo. Os fangueiros que ao Rio se deslocarem, podem concerta contar com ele sem se falar das suas relações a nível político. O Manuel Gomes Mi-

ção e de número telefónico. Ficará para outra vez, o que não deixo de lamentar, até por que existe entre nós uma grande comunhão de ideias e de gostos sobre Fão. A



*Confraternização fangueira em casa de Carlos Cardoso. Da esquerda para a direita: Maria Salgado, António Torres, Rosinha Lapa Pinto, Laida Martinho, António Pinto, António Adérito (do Porto, marido da Rosinha) e Manuel Gomes Miranda (Manelinho). Foi um dia maravilhoso, falando de coisas de Fão e ouvindo cassetes das nossas revistas, levadas de França, mas fornecidas, claro, pelo sempre fangueiro Padre Avelino Borda*



# MORREU O MAJOR AMORIM

É com grande mágoa que comunicamos a morte do Major Alfredo Amorim, marido muito dedicado da nossa prezada colaboradora Cecília Amorim.

O Sr. Major Amorim que nós nos habituamos a ver entre nós logo no princípio de cada verão, aqui permanecendo até Outubro, era uma figura muito familiar na nossa terra, tinha aqui muitos amigos, era o que se pode chamar um gentil homem.

Sentia-se preso a esta terra a quem se tinha ligado por se ter casado com uma distinta fangueira, interessava-se muito pelos problemas locais e era um dedicado amigo do nosso jornal. A última vez que esteve entre nós já mal se aguentava de pé. No entanto, a quando do dia do doce, não se esqueceu de comparecer para tomar um chazinho com a gente. Sentia que devia estar e esteve. Com muito sacrifício, dizia-se.

Era um distinto oficial do nosso exército, condecorado com a medalha de mérito militar, dos serviços distintos do Ultramar, medalha de ouro de comportamento exemplar, medalha de Cavaleiro da Ordem de Avis e ainda distinguido com muitos louvores.

Esteve por convite a prestar serviço na G.N.R. e também na Guarda Fiscal.



Morreu com 81 anos.

Os nossos sentidos pêsames a toda a família e de um modo especial a sua Esposa com quem esteve ligado 52 anos.

## Portugal

*Portugal dos descobrimentos  
De Camões, de Eça e de Pessoa  
Terra dos meus pensamentos  
Da gente humilde e boa.*

*Ao de ti partir, um dia  
Com vontade de voltar fiquei  
E foi com grande alegria  
Que este sonho realizei.*

*Lisboa, Vila Franca de Xira  
Pombal, Porto, Vila Nova de Gaia,  
Póvoa de Varzim e Vila do Conde  
Ao lançar o olhar pela praia  
Que melhor admirar, onde?*

*Nos olhos, uma lágrima  
No coração, uma alegria  
O santuário de Fátima  
A Batalha, em Leiria.*

*A ti dirijo estas linhas  
Antes que o esquecimento  
E todas as lembranças minhas  
Desapareceram num momento  
Assim, venho avidamente  
Esta homenagem render-te  
Com clamor ingente  
Nestes humildes versos  
Ante os destinos perversos  
Aceita esta singela poesia  
Sem métrica e pouca rima  
Que é produto da teimosia  
Do artista sem obra-prima.*

*Meu torrãozinho querido  
De ti, ainda trago tudo  
Sem nada haver esquecido  
Em minha mente enrijecida  
E ainda que fique mudo  
Hei-de exaltar pela vida  
Ver-te ainda assim, tão verdinho  
Como se à minha espera estivesse  
Lembrar de todo o carinho  
Que de amigos desfrutei  
Atendidas as minhas preces  
E esperanças que depositei.*

José dos Reis Quintas

## CARTAS

### AO DIRECTOR

Cordiais saudações

Sempre com a presença de Jesus em tudo que pensamos, enviamos-lhe o nosso desejo de muitas felicidades por tudo que vem sendo divulgado por seu vitorioso jornal.

Eu havia reclamado nas minhas cartas à Laidinha a falta de recebimento dos números desde Maio e pedia-lhe para dar-lhe ciência disso. o que eu não imaginava, é de que essa minha reclamação lhe fosse feita pessoalmente pelo nosso amigo Edson Reis, brioso Coronel da

Aeronáutica do Brasil, que está apaixonado por nosso Fão, e que aí se encontrava em visita ao seu irmão Barra Reis, e que por ele recebesse os números de Maio, Junho e Agosto (falta o de Julho e Setembro).

Agradecido, como sempre, li-os com a sofreguidão costumeira, sem querer saber de nada enquanto não terminasse; como sempre senti muitas alegrias e tristezas com suas notícias.

As suas reclamações e os seus elogios das coisas que se passam em Fão nos deixam em dia com a vida da nossa terra.

Sem querer me intrometer na vida política, senti a ameaça das tentativas de desfigurar as coisas naturais de nossa terra e fiquei intranquilo com a notícia dessa ameaça, pela Direcção do Hospital, em desejar vender os pinhais de N. S. da Bonança, para fins imobiliários. Se eu pudesse intervir, nem por sonho permitiria que qualquer interesse lucrativo tocasse em tão valioso património natural, e se alguém cogita ganhar alguns «patacos» em comercializar aquele local sagrado, é um criminoso.

Também a notícia da visita do meu primo Inácio da Costa Lopes (o Costa é nosso), do Rio Grande do Sul, a estadia da Madalena e Waldemar Machado, o falecimento do nosso David Machado, que acompanhamos aqui, o progresso do nosso Miro e sua linda e nossa amada Celeste com mais um estabelecimento em Fão, o Conchinha, Etc., foram momentos de saudades que sufoquei. Impedido de poder viajar devido à avançada idade de minha sogra,erei que esperar o momento.

Confiante de que a falta de vosso jornalzinho não se repita e agora que o vosso inverno se aproxima e não temos portador, mais uma vez o nosso abraço e admiração do ventríquelo

Amândio C. Caramalho

*Em tempo:  
Recebi pelo correio os n.ºs de Maio a Agosto (fiquei com duplicata) só falta o de Setembro.*

*Também conheci o Anísio Torres, que vive em França, na casa do Carlos Cardoso.*

## CAPELA DA SR.ª DE FÁTIMA

A capela da Senhora de Fátima foi totalmente remodelada. O senhor Prior meteu ombros a mais uma grande obra de tomo com a ajuda do povo de Fão ela realizou-se. Renovaram-se as paredes, reformou-se o coro, substituíram-se as telhas e a capela ficou nova.

Segundo lemos no jornal Renascer de Novo, o Dr. Fernando Barros, médico de Espoense, ofereceu 100 contos para as mesmas obras que vão ser aplicados na compra de um guarda-ventos que será construído pela Casa Durães sob a orientação do Arquitecto Pádua Ramos que fez o respectivo projecto.

E por falarmos em capela da Senhora de Fátima queremos informar que no dia 12 de Outubro tivemos oportunidade de observar o andar que nesse dia sairia em procissão para a Matriz. Estava recamado de lindas flores, cravos brancos e esterlicias. Só o sistema de iluminação deixava muito a desejar. Não se poderá dar um geito naquilo?

## Falecimentos

No mês de Outubro faleceu em Fão, vítima de doença incurável Alice Quintas Barbosa, viúva de José Barbosa Rodrigues, recentemente falecido.

Também no mesmo mês faleceu nesta terra, após doença prolongada Elvira Hipólito da Silva que era esposa do Zé Banheiro.

No dia 1 deste mês faleceu igualmente nesta vila Rosa da Fonte Brandão.

A todos os familiares os nossos pêsames.



# António Torres visita o Brasil

## GRANDE JORNADA DE FANGUEIRISMO

(Continuado da página 4)

passa!) como quase fangueira, pois é filha dum fangueiro (Neca Rosinha) e sobrinha do António Rosinha (mete lá os nomes como deve ser). A Jurema veio a Fão para conhecer a terra de seus Pais e ver seu tio António Rosinha. Aí permaneceu diversos meses e aí fez muitas amizades, sobretudo no mundo feminino, ao ponto de quando se despediu ter mais de 50 pessoas a chorar e a abraçá-la enquanto a camionete de Viana não chegava. Ela quis saber coisas de Fão, dum Fão que de direito também lhe pertence.

11) também recebi a visita do Manuel Lemos que é um fangueiro de coração que gosta muito de Fão mas que se queixa do atrazo inadmissível do N.F.

12) Ainda ouvi falar num Rodrigo (mais ou menos da tua idade) e doutros, mas era impossível contactar todos por falta de tempo.»

E ainda um P.S.:

«As visitas de Manuel Vale de Sousa, D.ª Otilia Viana e de outros fangueiros que estiveram no Brasil, como a do Adelino Saraiva e de sua esposa constituíram sempre momentos altos e marcantes na comunidade fangueira radicada no Brasil. Ficou bem lembrada a visita efectuada há anos pelo P. e Avelino Borda e e seu falecido irmão, Manuel Pinheiro Borda, com missa rezada e encontros a alto nível. Também quero lem-

brar-que na Olaria o Caramalho, Carlos Cardoso e outros fazem reuniões de convívio entre fangueiros. Finalmente: Eu vim do Brasil com a convicção que tu, Armando, por diversas razões e mais uma, que é o jornal que tu diriges, terias interesse e sobretudo necessidade de ir ao Brasil e poderes estabelecer um contacto que suponho nunca foi feito por qualquer dos jornais que já existiram na nossa terra e até no concelho.»

N.R.: On verria.

## FÃO DE ANTIGAMENTE

Exames do 2.º grau nas Escolas Rodrigues Sampaio de Esposende em 1937:

Eugénio Gonçalves de Sousa — distinto; José Filipe Gonçalves — distinto; Manuel F. Ribeiro Maia — distinto; Manuel F. Alves Ferreira — distinto; Valdemiro Araújo Costa — distinto; Carmen Maria Mendanha — distinta; Carolina de Sousa Didier — distinta; Maria Adelaide Gonçalves Leal — distinta; Maria Ilda G. C. Fonte — aprovada; Maria de Lourdes Ramos Ferreira — aprovada; Maria Otilia Domingues Ferreira — aprovada; Francisco Lopes Cardoso — aprovado; Juventino Alves Oliveira — aprovado; Laurentino Gonçalves — aprovado; Manuel Fernandes Branco — aprovado; Manuel Oliveira e Silva — aprovado; Júlia de Lurdes Gomes Leal — aprovada; Arminda Ferreira Viana — aprovada.

## FALECIMENTO

Em Olaria, Rio de Janeiro faleceu, no dia 8 de Setembro, Manuel Ribeiro de Sousa, de 74 anos de idade, casado com Ana Cardoso de Sousa, radicada no Brasil há mais de 50 anos. (ver foto, pág.4)

Visitara Fão há cerca de 12 anos e ainda muito recentemente (23 de Agosto) festejou as suas bodas de ouro, na companhia dos filhos, netos, bisnetos e do nosso patricio António Torres.

## PARABÓLICA DOS BOMBEIROS

*Esta gente dos Bombeiros é levada do raio. Imaginem que até compraram uma antena parabólica que já se encontra a funcionar. Vamos lá por partes. Não compraram mas conseguiram gente que a pagasse a parabólica cujo custo não ultrapassou os três centenas de contos. E como foi isso? Bem, uma habilidade cuja parte mais difícil foi arquitectá-la.*

*Neste momento os Bombeiros fornecem antenas que permitem captar os canais internacionais num raio de 10 quilómetros. Para já consegue-se «apanhar» 2.º canal português, o 1.º espanhol e um um internacional, tudo por três D. Pedros V e meio. À medida que se forem desvendando das 400 antenas adquiridas, poderão aumentar o número de canais.*

*Praticamente fica «coberto» todo o concelho de Esposende.*

# PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS  
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telefs. 672295 - 672450  
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZÉNS:

Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647  
4750 MATOSINHOS

# Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Editora» acaba de ser enriquecida com a publicação da 2.ª edição do Dicionário de Língua Portuguesa. Uma obra inovadora para o nosso país, feita em moldes modernos utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria generalizada, como de especialidade. Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento da plenitude de epítetos e locuções estrangeiras.



O Dicionário da Língua Portuguesa — 2.ª edição — é a mais desenvolvida e actualizada de seu género, mais correcta e p mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

EDITORA EDITORA LDA. Rua da República, 305-307 PORTO Centro  
LIVRARIA ARNADO LDA. Rua de José Afonso, 9-11, 7.º andar, 305-3072 ESTÁGIO, Centro  
BUP. L. RUMINENSE LDA. Rua de S. João, 74-76, 4.º andar, 305-3072 ESTÁGIO, Centro



## O Mundo em que vivemos

# A MORTE AO ALCANCE DA MÃO

É verdade. basta um dedo carregar no gatilho de uma arma para desencadear consequências imprevisíveis, mas sempre de lamentar. E é verdade, também, que os actos de violência com armas de fogo são de uma frequência preocupante.

Escolhemos estes ao acaso, entre tantos que tínhamos ao nosso dispor:

UM vendedor ambulante, Flávio Santos, de 32 anos, pai de dois filhos, residente em Lisboa, foi alvejado a tiro na garganta. Como foi a distância muito curta, ficou em estado bastante grave.

Em Lavra, Matosinhos, José Ferreira dos Santos, de 22 anos, perdeu a vida ao ser baleado no coração, à distância de escassos centímetros, com um revólver «Taurus», calibre 32, por um funcionário do aeroporto de Pedras Rubras.

Num café do Porto, o trolha Joaquim Ferreira puxou de uma pistola de calibre 6,35 e ameaçou um guarda da P.S.P. (vestido à paisana), de queimar os miolos. Parece que a ameaça tinha fundamento, pois a pistola tinha uma bala na câmara; estava, pois, pronta a disparar. Com muito custo e com a ajuda de outro guarda, o homem foi desarmado sem ter conseguido concretizar a ameaça. Disse, depois, ter comprado a pistola a um amigo, em Santo Tirso.

Guardamos para o fim o caso mais flagrante:

Aconteceu em Barcelos. O jovem Francisco Ferreira, de 16 anos, confidenciou a um amigo, numa tarde de domingo, que tinha dinheiro para gastar e que ia comprar

um gravador ou uma pistola. Nesse mesmo dia, à noite, poucas horas depois da conversa, estava já num café com o mesmo amigo, mostrando-lhe a arma que, em tão curto espaço de tempo, tinha conseguido adquirir. A pistola, porém, engravou e, imprudentemente, o Francisco virou o cano para si, tentando desencravá-la. O disparo não se fez esperar, atingindo-o em pleno peito e causando-lhe a morte quase imediata.

★

Confessamos a nossa ignorância em matéria de legislação que regula o direito ao uso e porte de arma, mas cremos que não é possível que tanta facilidade em adquiri-la — numas escassas horas — seja permitida por Lei, sobretudo tratando-se de um menor!

Parece que deve haver uma legislação que impeça que se coloquem tão simplificada e nas mãos dos nossos jovens — e não só — esses instrumentos de morte. E muito em especial no caso de menores.

Oxalá se tomem as providências necessárias para evitar que outros jovens gastem lamentável e imprudentemente o seu dinheiro na compra da própria morte.

Não esqueçamos que um tiro que se dispara, ou num momento de descontrolo nervoso, ou numa hora de depressão, ou até involuntariamente, pode transformar o autor do disparo num assassino ou... num cadáver!...

E. Real

## DR. JORGE AREIAS

Encontra-se em Madrid num dos hospitais daquela cidade, o nosso amigo e assinante dr. Jorge Areias a fazer um pequeno estágio, como reforço à especialidade de gastroenterologia que vem cursando no Hospital de S.to António, no Porto.

O dr. Jorge Areias parte igualmente da equipa de especialistas do Hospital de Fão. Boa e melhor aproveitamento.

## DOENTES

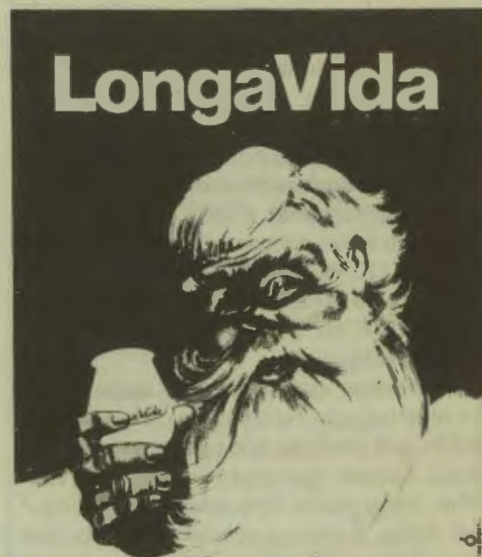
Foi submetida a uma operação no hospital de Barcelos a nossa conterrânea Rosália Torres Saraiva, esposa do nosso amigo Adelino Saraiva.

Desejamos à Zairinha um pronto restabelecimento.

Encontra-se internado no Hospital de Fão Artur Vinha dos Santos.

Foi submetido a uma operação o nosso prezado assinante João Reis Graça.

A todos, desejamos melhoras.



o que é bom da natureza

# ABAIXO COM OS CLANDESTINOS

Está a erguer-se em Fão, mesmo ao direito da Capela da Bonança, um edifício que desfez o local onde está a ser construído e abusivamente ocupa uma parte, cerca de 4 metros, das dunas que pertencem ao domínio público marítimo, ou mais propriamente, pertencem à freguesia de Fão.

Como as autoridades marítimas não se importaram com aquela construção — e as paredes já vão no reboco — será o povo de Fão quem terá de dizer a última palavra. E se o povo de Fão já não sabe como se deve fazer às construções ilegais, que pergunte aos seus vizinhos de Apúlia como se deve agir em tais circunstâncias. Mas nós também já não acreditamos na gente de Fão. Está a revelar-se demasiado anódina. Fão, já não é. Foi.

A nossa esperança reside na Presidente Laurentina Torres. Dizem as más línguas que foi a Prof.ª Laurentina Torres que liderou todo o processo que levou à destruição dos muros e muretes no caso de Apúlia.

Agora as suas funções são outras. Mas quem revelou genica não a deve perder. A autarca natural de Apúlia para ser coerente consigo mesma terá de mandar arrazar a casa em construção. Temos a certeza que o Se-

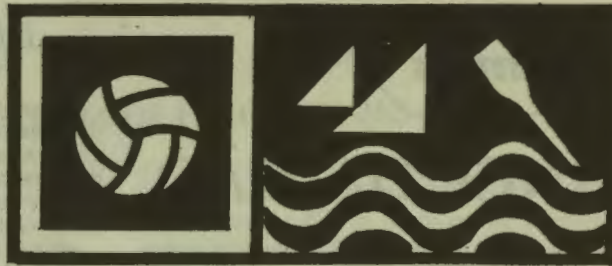
cretário de Estado Carlos Pimenta lhe dará todo o apoio. E toda a Câmara estará consigo.

É necessário acabar de vez com tantos abusos.





# DESPORTO



Na Taça A. F. de Braga a equipa do C. F. de Fão ficou classificada, no 1.º lugar, ex-aequo com o Apúlia.

Para o campeonato da 1.ª Divisão da A. F. de Braga os resultados foram até ao momento os seguintes:

Marinhas, 1 — Fão, 1.

O curioso neste jogo é que Fão marcou o seu gol no primeiro minuto e o Marinhas, no último.

Fão, 1 — Lomarense, 1.

Dumiense, 2 — Fão, 0.

Este jogo realizou-se no último sábado. Não pudemos acompanhar a equipa como era nosso desejo mas dizem-nos que o árbitro fez um frete escandaloso.

No sentido de angariar receitas para o futebol, a Direcção do C. F. de Fão está a promover uma campanha de angariação de anúncios para o campo de jogos. Os comerciantes compram as placas e a Direcção encarrega-se do resto. Sabemos que a União de Bancos adquiriu já uma chapa de 18 metros e a Rita Figueira, outra de 5. Depois cada Casa entrará com uma importância mensal.

O Hotel do Pinhal vai continuar a dar o subsídio usual, mas autorizou o grupo de futebol a publicitar nas suas camisolas uma outra firma que ofereça melhores condições. Tudo se conjuga para que a Solidal patrocine este ano as camisolas dos jogadores de Fão.

bol, devem também ser canalizados subsídios.

Além da multidivisão de subsídios de pouca monta para os 9 clubes concelhios ou mais, e bastantes significativos no seu futebol total, se só para um ou dois, o máximo três (para o «Fão» que também já é um clube com fortes tradições e representante da margem sul do concelho e que poderia ser representante deste a nível distrital, enquanto a A.D.E. o seria a nível nacional, também, já agora, o «Forjães», também já com uma certa tradição e que seria o embaixador do concelho no Alto Minho, em cuja associação de futebol milita e em cuja região turística o nosso concelho se encontra inserido, quanto a nós indevidamente, é a guerra da contratação de jogadores que anualmente se desenvolve, todos e cada um procurando adquirir os melhores, por verbas por vezes incomportáveis, em detrimento daquele que representa melhor o concelho.

Eu acho, é que devia haver um campeonato (anual) a nível concelhio (além da taça municipal e outras) e os dois primeiros é que iriam representá-lo a nível distrital e todos forneciam os melhores jogadores para a A.D.E. ser um embaixador desportivo (e não só) digno deste concelho, a nível nacional.

(Continua na página 9)

## Rescaldo de uma homenagem

### *Inflação futebolística no concelho de Esposende*

Na local por nós subscrita no número de Outubro do corrente ano, sob o título em epígrafe, não aludimos a um assunto que aí foi focado pelo Eng.º Gonçalo Areia. Referimo-nos ao papel que a Associação Desportiva de Esposende, como embaixadora itinerante do concelho, nas diversas terras onde vai representar e levar o nome deste município e não apenas o da vila e freguesia sua sede. A sua missão desportiva não é idêntica à do «Marinhas», do «Vila Chã» ou do «Apúlia», etc., que apenas representam as suas paróquias.

Entretanto está a surgir no nosso concelho uma inflação excessiva de clubes futebolísticos que poderão pôr em risco a sobrevivência daquele que representa o nosso concelho, como muito bem referenciou o Eng.º José Areia. É que os subsídios distribuídos por todos os clubes do concelho (9 pelo me-

nos, quanto sabemos, e os que mais virão) são quantos deixarão de ser canalizados para o verdadeiro representante concelhio.

Não somos contra a existência de grupos desportivos e recreativos em todas as freguesias, e até lugares, do concelho. Mas que isso não implique o desvio de verbas do verdadeiro representante municipal. Os subsídios para os clubes de freguesia deverão ser concedidos pelas respectivas Juntas Paroquiais através das verbas que lhe são atribuídas. A não ser que alguns desses clubes pratique uma modalidade que a A.D.E. não possui e possa representar nessa modalidade, o concelho, como o «Rugby», o «Okey» em Campo e em patins, o «Voley-Ball» ou outros. E era bom que tal começasse a acontecer para que o concelho não sofra só de «futebolite», mas pratique, também, outras modalidades. E, para estas, sim e não só para o fute-



ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEITÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- APARELHOS DE PRECISÃO

création

ARMAÇÕES

OCÚLOS SOL

*AZAL*



Passa-se com o futebol o mesmo que com outro fenómeno social concelhio, onde também surgiu uma forte inflação que tem prejudicado os seus verdadeiros cultores e representantes a nível municipal e que já focamos num outro periódico. Trata-se do surto excessivo de agrupamentos folclóricos no nosso concelho que não representam nada nem ninguém, em detrimento dos 3 únicos representantes de tipos, cantares, costumes e trajes verdadeiramente característicos da nossa região. Surgiram, até, alguns que se arvoraram em representantes concelhios e se apropriaram de material histórico-cultural de outros, como se deles fosse. Tal inflação folclórica fez desviar (por razões políticas que compreendemos, mas não aceitamos, como as não aceitamos relativamente ao desporto, porque são contrárias aos verdadeiros ideais desportivos pelo fundador dos Jogos Olímpicos Modernos, *Pierre Coubertin*) importantes verbas dos 3 únicos agrupamentos representativos do concelho, de modo a não poderem representar o concelho condignamente como pretendiam.

Acabem-se, pois, as «futebolites» e as «folclorites» e outras doenças sociais acadas em «ite» de que é prenhe o nosso concelho, como a «bairrite» e dê-se ao desporto e outros fenómenos socio-económicos concelhios a sua «verdadeira real» dimensão, e só essa. E fomentem-se outras modalidades desportivas tão carecidas no nosso concelho, como o «Basket, a Natação, a Vela, o Remo, etc.»

futuramente, se continuar a ter espaço nas páginas deste tão bem concebido jornal (o melhor daqueles do concelho que conhecemos), trataremos de outras doenças sociais deste município, terminadas em «ite».

## Pagaram assinatura

Artur Barros Lima, porto, 1000\$00; Dr. Joaquim Soares, Fão, 500\$00; Dr. José Areias, Aveiro, 500\$00; Orlando Ferreira Graça, França, 1000\$00; António Marques S. Cavaco, Vila da Feira, 500\$00; Francisco Carrilho, Bragança, Felix Manuel Gaifem Soares, Guimarães, 500\$00; João Ramalho, Algueirão, 1200\$00; José dos Reis Quintas, Brasil, 1000\$00; Edson Campos dos Reis, Brasil, 1000\$00; António Martins Modelo, Brasil, 1000\$00; D. Maria José Borda, Fão, 500\$00; Cabelreira Anly, Fão, 500\$00; Dr. José Alberto Costa e Silva, Esposende, 500\$00; D. Maria de Lurdes Fernandes Pereira, Fão, 500\$00; Domingos Assunção, Fão, 500\$00; D. Catarina Assunção C. Gonçalves, Póvoa de Varzim, 500\$00; D. Maria de Lurdes Mendes S. Soares, Esposende, 500\$00; António Teixeira Dias, Fão, 500\$00; Américo Gonçalves Esteves, Fão, 500\$00; Restaurante S. Cristóvão, Fão, 1500\$00; José Manuel Silva Carvalho, Porto, 500\$00; Ernestino Alves Magalhães, Fão, 500\$00; D. Cecília Paixão Amorim, Lisboa, 500\$00; Arq.º Alcino Coutinho, Porto, 500\$00; Luís Gonzaga Eiras de Azevedo, Porto, 1500\$00; Abílio Graça do vale, Fão, 500\$00; João Silva, Esposende, 1000\$00; Eng.º Romualdo Saucedo, Porto, 1000\$00; José Sá, Vila Nova de Gaia, 500\$00; Manuel Losa, Apúlia, 500\$00; Joaquim Rocha, Fão, 1350\$00; Arq.º Júlio de Oliveira, Fão, 500\$00; Arq.º Júlio José Cardoso Oliveira, Fão, 500\$00; Mário fernando Cardoso e Silva, Brasil, 1000\$00; Miguel cardoso e Silva, Lisboa, 500\$00; Companhia Brasileira de Tecidos, brasil, 1000\$00; D. Maria Helena Alves Rosa, Lisboa, 500\$00; Fernando de Almeida, Porto, 500\$00; P. e Dinis Vilarelho, Porto, 500\$00; Manuel Vale de Sousa, Fão, 500\$00; Dr. Rui Carrington da Costa, Coimbra, 1350\$00; Valdemar Machado Viana, Brasil, 1000\$00; Eng.º João Afonso Guimarães, Fonteboa, 500\$00; João José Sousa Morais, Fão, 1350\$00; D. Ana Maria dos Santos, Fão, 500\$00; Venceslau Barbosa Rodrigues, Lisboa, 500\$00; Félix Leite, Brasil, 1000\$00; Manuel Sá Leite, Fão, 500\$00; José Morais Casanova, Braga, 500\$00; Armindo Duarte, Penafiel, 500\$00; Domingos da Silva, França, 1000\$00; Inácio Palmeira, Fão, 500\$00; Rúben Branco, Fão, 500\$00; António Rodrigues Dias, Fão, 1350\$00; e João Mendanha R. Cruz, Lisboa, 500\$00.

## NÉ GLÓRIA

Projecta um grupo de amigos prestar uma singela homenagem ao nosso malogrado conterrâneo Né Glória. A coisa ainda está em embrião mas em princípio pensa-se dedicar-lhe uma placa no Campo da Junqueira. Nesse mesmo dia, que pode ser o 8 ou 9 de Dezembro, haverá um jogo entre a actual equipa do Fão e as antigas glórias, precisamente do tempo do Né. Segue-se uma romagem ao cemitério e depois à noite realizar-se-á uma sessão de fados.

## NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saralva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saralva  
Dr.ª Maria Emília Corte-Real  
Tia Mariquinhas  
Dinis de Vilarelho  
Sérgia Mendanha

PROPRIEDADE:

Armanda dos Santos Saralva  
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão  
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
BINOGRÁFICA

Praca João XXIII — Telef. 684318  
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual . . . . . 500\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através de «Os Correios» será por conta do assinante

## Rotary de Esposende em festa

### VISITA DO GOVERNADOR

O Rotary Club de esposende viveu na sexta-feira, dia dia 24 de Outubro, um dia festivo pois teve a visita do Governador do Distrito Rotário 197, Eng. Armando Teixeira Carneiro.

Foi com efeito um dia diferente, assinado com representações de muitos clubes congéneres, com a presença do reverendo Arcipreste e ainda da presidente da Câmara, Laurentina Torres.

No seu momento o Presidente Manuel Silva saudou e cumprimentou todos os presentes e dum modo especial referiu e destacou a estadia do Governador que posicionado no top do dirigismo rotário, era sempre portador de actualizadas directrizes do movimento criado por Paul Harris.

Em resposta, o eng. Teixeira Carneiro muito humildemente confessou que era na visita aos clubes, no contacto com actuações concretas que o seu conceito de rotary verdadeiramente se dimensionava e por isso, mais que ensinar, ele vinha aprender. Saudou e felicitou o Clube por toda a obra já realiza-

dã e confessou-se particularmente contente com o seminário sobre a agricultura que o Rotary Club de Esposende tinha programado para os dias 8 e 9 de Novembro.

Enfim, o Arcipreste de Esposende saudou e felicitou o Club de Esposende por toda a actividade desenvolvida e finalmente a Presidente da Câmara confessou-se, ela também, rendida a todo o trabalho do Rotary de Esposende concluindo que a Câmara estaria sempre ao lado dos Rotários de Esposende para tudo o que significasse progresso do concelho.

### Seminário sobre a agricultura realizado pelo Rotary de Esposende

Nos dias 8 e 9 de Novembro realizou-se no Hotel do Pinhal um seminário que teve por tema «A Agricultura do concelho face à CEE, promovido pelos Rotários de Esposende».

No próximo número daremos um relato circunstanciado do notável acontecimento.

Porque gostas tanto de Fão?  
Perguntou-me num repente,  
Um amigo que conhece  
O viver da nossa gente.  
À tarde, sempre as «mortadas»,  
O Verão, nem sempre quente,  
As águas do mar geladas,  
Que fazem bater o dente!...  
O progresso anda por longe,  
Desse Fão de antigamente.  
Os fangueros não se unem  
Formando um todo coeso.  
Atiram para os carolas  
Situações de mais peso.  
Não se protegem pinhais,  
Abrense-lhe as clareiras  
Para lotear em leiras  
E vender a quem dá mais...  
Depois de ouvir tudo isto  
Que expuz, tal me foi dito,  
Voltei-me para o amigo,  
Sem mágoa no coração  
«Oh diá» pelo que ouvi  
Gosto ainda mais de Fão...»

S. Mendanha





por ZINHA

Foi há pouco o Dia de Finados! Tanta azáfama na procura de flores, tanto carinho no arranjo de jazigos e campas. Dias antes, é uma romaria para o cemitério, baldes na mão, vassoura e vassourinha, lixívia, detergentes. Tudo é bem lavado, desinfectado, preparado. São as campas mais modestas caídas, são

as letras avivadas, é um retrato que se coloca, é um friso que se compõe, é uma cruz que se substitui. E depois são flores de toda a qualidade, das mais simples às mais raras, das mais pálidas às mais gritantes!

E como fica lindo o nosso cemitério!

Cada vez mais jazigos novos, sólidos, cada vez mais sepulturas de mármore encimadas por anjos, grandes imagens. E ali se lê: «À notre mère» e mais além «À notre père» e «Souvenir de tes enfants» e acolá, «Eterna saudade de tua esposa» e perto «Recordação de teu marido, filhos, genro e neta». E esta mistura de línguas e esta variedade de dedicatórias, não encerram senão o mesmo sentimento — saudade!

Saudade de quem partiu levando no coração os que deixou, saudade de quem ficou e que tanto desejaria guardar para sempre o que partiu!

E naquele dia, dia triste, de recordações, todos fazem companhia aos seus entes queridos e pensam

naquilo que poderia ter sido melhor e não foi, no carinho que poderia ter sido dispensado e não aconteceu, no amparo que poderia ter sido dado e não se verificou, na ajuda que poderia ter acontecido e não se concretizou! Mas também saudades dos bons momentos juntos, das festas familiares, das gargalhadas felizes, dos conselhos oportunos, daquela presença que enchia a casa!

Mas nós acreditamos que de Lá do Além, eles continuam a ver-nos, eles recebem o carinho das nossas flores, das nossas velas acesas, das nossas orações por que alguns tanto esperam!

Felizes os que podem ir junto dos seus, como agora acontece, na nossa terra, neste mês de Novembro, mês das Almas. De manhã, bem cedo ainda, ou à tardinha, pelo sol-pôr, aí vão, terço na mão, rumo ao cemitério.

Quem são? Uma mãe, uma filha, uma esposa, um irmão? Não interessa quem são. Há alguém à sua espera!...

## Tretas e Letras da terra e do mar

(Continuado do número anterior)

### A VINHA

Há duas castas de vinho (aliás) mau, na região. No entanto o lavrador-pescador dá-lhe os seguintes nomes:

Borraçal, mimósa, natural (tinto), pé de Perdiz, olho de boi, tintureiro, verdeiro, espadeiro (branco), olho de sapo, loureiro, morango, americano.

### UTENSÍLIOS DE LAVOURA

Rodo, pá, enxada, cabaço, caldeiro, mangual, ancinho, rastilhador, picador, forcado, fouce, fouchinha.

Carros de bois com os seguintes elementos:

Cabeçalho, chedeiras, chavelha, chavelhão, fuciro, cantadora, cabeça, toro, roda, espiga do eixo, trilho, miúdo, cambas, embaraçadeiras, caniças.

Com o aparecimento do tractor, o ...carro de bois tende a desaparecer. Não tardará muitos anos que a indústria artesanal onde se fazem estes carros não desapareça como já desapareceu a todos os jugos. Há um único indivíduo que os faz e logo que ele desapareça a geração extingue-se.

### MOINHOS DE VENTO

Quem não conheceu os moinhos de vento de Apúlia e da Abilheira? Quem os não conhece com uma função que

a burguesia abastardou? Hoje não há moinhos de vento para moer o milho. Acabaram-se. Hoje são residências de burgueses endinheirados que lhe mantiveram a traça exterior ou alteraram muitas vezes a planta que os caracterizava. Com o auxílio da Tia Rosa Moleira, uma sobrevivente, proprietária dum desses moinhos, conseguimos que ela nos dissesse os nomes que davam às peças fundamentais para que um moinho movesse ...e moesse.

Eixo, mastros — oito, guias, travessas, contra-guias, velas, espigão, rabiço, culatra, rabo, cantadoras, cintarel, rodas, carrinho com seis fusis, veio grande, cabaço de ferro, cavilhas de ferro, aleviadoiro, moega, mós, caixas da farinha, cravelha, quelho ou canela, monhado, cambreiros, andadeira, estrada de apoio.

(1) Estortar — escurecer;  
(2) Dunas de areia ou também conhecido pelo fieiro;

(3) Alga que serve para adubar o campo;

(4) Escaramujar — nascer do dia, visto do mar;

(5) Povo — povoação — designação usada na região como sinónimo de freguesia — ex: Vou ao Povo de Apúlia onde mora a minha família;

(6) Descobrir terras — transformar uma terra inculta em terreno de cultivo;

(7) Furar o mar — navegar com o mar tempestuoso;

(8) Amochar — fazer um monte;

(9) Guita — nome dado às algas marinhas susceptíveis de venda; guita=dinheiro;

(10) Pilado — caranguejo;

(11) ... Este provérbio significa que as algas são melhor adubo para a plantação da batata do que o pilado — crustáceo com que se adubavam as terras antes de surgirem os fertilizantes químicos. Ainda hoje se usa o sargaço — alga — no adubo das terras. Talvez ... quem sabe ... uma razão para que esta batata seja mais saborosa, mais (farinhenta) e economicamente mais rentável;

(12) Prato usual composto de batatas, couves e um peixe cozido;

(13) Casa com primeiro andar e rés-do-chão;

(14) Compartimento da casa, arejado, onde se guardam as sementes;

(15) Ver nota explocativa n.º 6;

(16) Mar bonançoso próprio para pescar;

(17) Contrário de calma. Mar agitado.

Desconhecemos as obras e autores que os alunos possam ter consultado. Pelas omissões, pedimos desculpa.

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»  
FÃO